

Índios guaranis eram canibais, diz arqueólogo

CLAUDIO CSILLAG

Da Reportagem Local

Pela primeira vez, a arqueologia possui evidências de que os índios guaranis praticavam a antropofagia. São pedaços de ossos humanos queimados, encontrados juntamente com ossos de animais nos "fogões" de tribos do sul do Brasil. Para o padre Ignácio Schmitz, 60, diretor do Instituto Anchieta de Pesquisa, em São Leopoldo (RS), que estuda a coleção de ossos, "esses achados representam uma insinuação muito forte de canibalismo".

Os ossos foram escavados em quatro aldeias, duas delas em Candelária (192 km a oeste de Porto Alegre), uma em Itapoã, à margem da Lagoa dos Patos (RS) e outra perto de São Pedro do Ivaí, no centro-norte do Paraná. De acordo com Schmitz, que pesquisa os guaranis há 30 anos, foi a primeira vez que se realizou uma busca sistemática de restos alimentares em antigas aldeias. Os resultados foram surpreendentes: mais de 45 mil cacos de cerâmica e vários quilos de ossos humanos.

Das duas aldeias de Candelária retirou-se o equivalente a "duas kombis de material", diz Schmitz. Uma das aldeias, onde as escavações foram realizadas há mais de 15 anos — e cujos achados só recentemente passaram por análises —, foi habitada entre os séculos 10 e 12 d.C., estima Schmitz. Tinha uma população de cerca de 150 pessoas, que moravam em três grandes habitações.

"Os ossos encontrados nos 'fogões' — amontoado de pedras no chão — dessas choças pertencem a um mesmo esqueleto, e são todos do lado direito do corpo", afirma Schmitz. São fragmentos de ossos do braço, do antebraço, dos dedos da mão, de vértebras e até

um dente. Os indícios de que representam restos de atos canibais são fortes: foram encontrados nos "fogões" junto com ossos de anta, capivara, cervos e lebres, ou seja, caça selecionada para alimentação. Os ossos humanos estão nitidamente queimados, e os ossos longos (da perna e do braço) foram cortados de modo a extrair do interior o tutano, apreciado pelos índios, da mesma maneira que faziam com os ossos das caças.

Segundo Schmitz, a segunda aldeia de Candelária foi habitada no século 10, possivelmente pelos antecessores da primeira aldeia, a dois quilômetros de distância. "Os índios habitavam uma aldeia por cerca de dez anos, e depois mudavam-se para outros locais". Isso indica que os achados são semelhantes em tudo. Mas as análises ainda não terminaram.

Na aldeia perto de Itapoã há algumas diferenças. Junto com os ossos humanos queimados encontrados nos "fogões", foram achados muitos ossos de peixes, fato facilmente explicável pela proximidade com a lagoa dos Patos. Além disso, foram escavadas várias pontas de flechas de pedra lascada, indicando que, além de guaranis, índios minuanos, conhecidos como grandes caçadores, povoavam a aldeia.

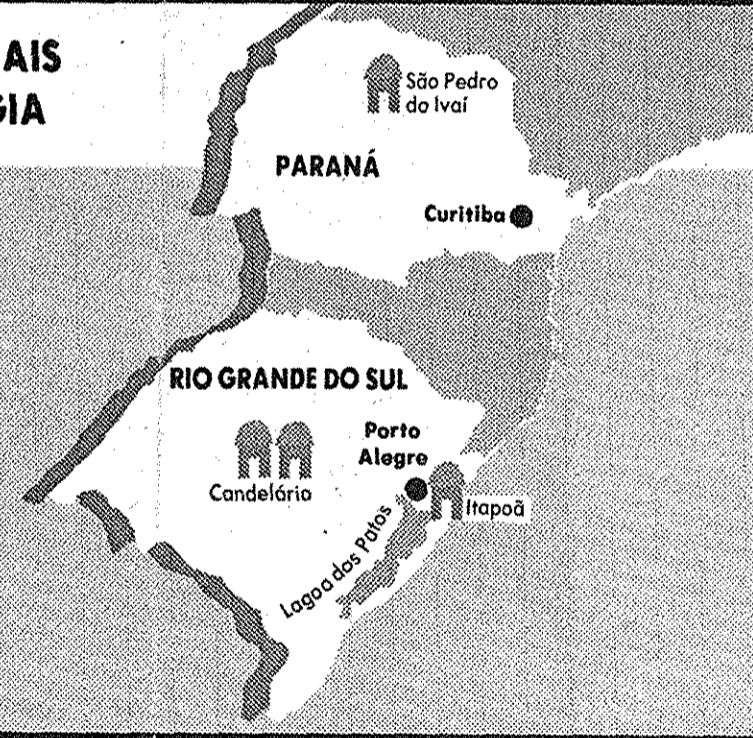
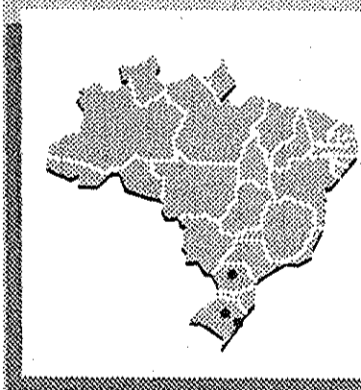
Mas é no sítio arqueológico de São Pedro do Ivaí, perto de Maringá, que se tem o mais forte indício de canibalismo. Além dos ossos humanos queimados e misturados aos ossos de caça, encontrou-se ossos dentro de urnas empregadas em sepultamento. Para Schmitz, isso significa que provavelmente os ossos queimados não foram retirados de sepulturas, mas receberam um tratamento diferente daquele dado aos ossos das urnas.



Ilustração do livro original do aventureiro alemão Hans Staden mostra ato de canibalismo no Brasil

Reprodução

ALDEIAS COM SINAIS DE ANTROPOFAGIA



Missionários relatam cenas

Da Reportagem Local

Os relatos sobre canibalismo entre os índios brasileiros são quase tão antigos quanto a própria Ilha de Vera Cruz, como foi chamado o Brasil na época do descobrimento. O primeiro livro escrito sobre o país, segundo Monteiro Lobato, foi publicado na Alemanha no século 16. Conta a história do aventureiro alemão Hans Staden, que ficou preso pelos tupinambás durante oito meses em 1554. Em seu relato, Staden descreve cenas de canibalismo praticado pelos índios.

Uma fonte rica de informações sobre canibalismo são os relatos dos missionários jesuítas dos séculos 16 e 17. O padre Antônio Ruiz de Montoya, em seu livro "A Conquista Espiritual", narra

cenas a respeito. Em um dos episódios, Montoya conta como ele e seu grupo foram rechaçados pelos índios em uma de suas incursões missionárias. Ao retornar no dia seguinte, foram bem recebidos. Enquanto comia milho cozido e carne oferecidos pelos índios, Montoya se depara com a cabeça e as mãos de seu ajudante.

Vários cronistas da época contam que os guerreiros capturados de outras tribos não tentavam fugir, e esperavam seu sacrifício em liberdade. Segundo Viveiros, isso pode ser explicado de diversas maneiras. Em primeiro lugar, era preferível morrer na guerra do que em casa. O índio também preferia ser queimado a ser enterrado. Além disso, a aldeia à qual ele pertencia não o aceitaria de volta. (CCs)

Para especialistas, prática era comum

Da Reportagem Local

Apesar da ausência de provas arqueológicas de que os índios que habitavam o Brasil na época do descobrimento eram canibais, a maioria dos estudiosos sobre os índios brasileiros não tem dúvidas de que a antropofagia era um fato corriqueiro, embora não abundante, e perfeitamente compatível com os hábitos tribais.

Em entrevista por telefone à Folha, a etnóloga Dominique Gallois, 39, do departamento de antropologia da USP, acredita que, até sair o relatório final sobre as análises realizadas no Instituto Anchieta, só se pode conjecturar a respeito dos achados. Apesar de compartilhar da opinião consensual, evita se entusiasmar com os achados e fornece

algumas idéias diferentes para explicá-los.

"Os atos canibalescos eram realizados juntamente com uma série de rituais onde só se comia carne humana. É estranho que haja ossos de animais misturados", argumenta a pesquisadora. "Ainda assim é possível que os restos da vítima fossem enterrados no mesmo local em que o lixo doméstico".

Outra ressalva feita por Gallois aos achados é que os guaranis, assim como outros grupos indígenas, costumavam transformar os ossos de suas vítimas — inclusive as vítimas humanas — em artefatos, o que diminui a probabilidade de que restassem ossos nos "fogões".

Gallois lembra ainda que os

ossos podem pertencer a um indivíduo que morreu por uma causa qualquer — o que não exclui o sacrifício. O corpo teria depois sido incinerado — hábito comum entre os guaranis. "Os pajés, depois de mortos, eram sempre queimados", diz. Mas essa mesma tese pode ser utilizada para alegar que os achados são restos de canibalismo, de acordo com Viveiros.

É claro que a hipótese de que sepultamentos tenham sido perturbados não deve ser afastada, apesar dos indícios em contrário do sítio arqueológico de São Pedro do Ivaí. Somente no final do ano, quando o padre Schmitz publicar seus resultados, é que se poderá afirmar cientificamente que os índios brasileiros praticavam a antropofagia — ou não.

(CCs)

Antropofagia não tinha fins nutricionais

Da Reportagem Local

É geralmente aceito que os atos canibalescos praticados pelos índios do Brasil não tinham função alimentar ou nutricional, mas fins religiosos, bélicos e sociais. Persiste ainda uma polêmica sobre seus fins específicos.

De acordo com uma das teorias, os índios devoravam guerreiros inimigos capturados para adquirir sua força e coragem. Essa tese não é aceita por Eduardo Viveiros de Castro, 39, antropólogo do Museu Nacional do Rio de Janeiro. "Eles comiam mulheres e crianças também, o que não pode ser explicado por essa teoria", diz. Para o padre Schmitz, os próprios achados da aldeia de Itapoã são uma evidência contra essa tese, já que entre os ossos escavados figura um crânio queimado de criança.

Viveiros acredita que o canibalismo interessava aos dois lados, do devorador e do devorado — desde que ambos compartilhassem a mesma cultura —, o que pode ser explicado pela religião e pelos hábitos sociais e bélicos dos guaranis.

A religião guarani considerava que a pessoa se dividia em duas partes depois da morte, uma ligada à alma e à palavra, e outra ligada ao corpo. Os guaranis tinham o hábito de enterrar seus mortos dentro de urnas fechadas, e isso apresentava um problema, pois eles temiam a decomposição que os corpos sofriam.

"Os índios acreditavam que, quando o corpo apodrecia, liberava um espectro maligno que assombraria os vivos", diz Viveiros. "Assim, a incineração era considerada um destino melhor do que o sepultamento", continua. Os próprios prisioneiros a serem devorados achavam a morte canibalística nobre, pois assim o corpo não apodreceria.

Os guaranis também acreditavam que o consumo de carne humana proporcionava longevidade, além de permitir que se atingisse a "terra-do-sem-mal", o paraíso guarani.

Pode-se explicar o interesse em sacrificar o prisioneiro pelos próprios costumes tribais. Um índio só poderia ter filhos legítimos após matar um inimigo, em batalha ou cativo, o que, junto com os outros fatores, pode dar uma justificativa parcial ao canibalismo. Viveiros não descarta haver até um componente funerário na antropofagia, dado o destino nobre que tinha o corpo do devorado. (CCs)